



O ENSINO DE LITERATURA E A LEITURA

Alessandra Paschoal Lettieri

Palavras-chave: Literatura; Ensino; Leitura; Método.**RESUMO**

Este trabalho aborda o ensino da literatura no ensino médio. Pretende-se mostrar como a escola e os professores têm agido em relação à leitura dos textos literários no ambiente escolar, enfatizando técnicas que venham a contribuir com a melhoria das aulas de literatura no ensino médio. Observa-se que muitos docentes têm estado alienados, apáticos, acomodados em relação ao ato de ler e ao trabalho com as obras literárias. Objetiva-se, aqui, demonstrar que, para formar leitores, é necessário que os professores também se transformem em indivíduos mais assíduos no ato de leitura. A emancipação dos leitores ocorrerá na medida em que o processo de leitura literária na escola seja permeado por uma concepção de leitura que colabore dinamicamente com o processo de produção de sentidos e com a interação entre leitor e obra literária. O método recepional, divulgado pelas autoras brasileiras Aguiar e Bordini, embasado na estética *da* recepção, constitui-se num dos caminhos teórico-metodológicos para uma reconstrução das formas de ler na escola.

INTRODUÇÃO

O ensino da literatura tem enfrentado uma verdadeira “crise” nos últimos anos. É fato facilmente verificável que os jovens cada vez se afastam mais do livro em busca de outros recursos de apreensão do mundo, mais modernos e atrativos, como a televisão e, principalmente, o computador. Tudo isso é o efeito de um processo de desenvolvimento das tecnologias, mas também, de massificação do ser humano. Adorno (2003) reflete sobre essa questão, ob-

servando que o homem moderno não tem mais o que narrar, uma vez que vive num mundo em que a estandarização e a mesmice imperam, e o indivíduo acha arcaica a atitude de ler um bom livro, como se isso já tivesse caído em desuso. É exatamente nesse ponto que o professor de literatura precisa atuar com habilidade, no intuito de desmistificar a leitura literária como uma atitude improdutiva para os jovens que vivem a era da informática.

Aguiar e Bordini (1988) revelam que há um desinteresse crescente pela literatura entre os alunos. Unido a isso, ocorre despreparo de muitos professores quanto à abordagem da obra literária, pois não estão inserindo na sua prática, dinamismo e motivação capazes de ir ao encontro das aspirações dos alunos. Isso advém não apenas das dificuldades inerentes à didática do ensino, mas também, por causa da própria experiência de leitura. Ler é algo que parece estar “escasso” entre nossos estudantes. É comum os alunos não encontrarem “utilidade” para o ensino da literatura e não sentirem prazer com esse aprendizado.

Algumas escolas e professores caracterizam o ensino da literatura na atualidade como uma atividade que prima pelos estudos diacrônicos de determinados autores, trabalhando com textos fragmentados no livro didático, propondo leitura de resumos que se limitam à historiografia literária e biografia de autores. Tal procedimento impede os nossos alunos de “lerem” o texto literário e de exercerem seu pensamento crítico e criativo.

A LEITURA LITERÁRIA E O ENSINO DA LITERATURA

Segundo Aguiar e Bordini (1988), o livro é o instrumento que expressa todo e qualquer conteúdo humano individual e social de forma cumulativa. A partir da leitura o indivíduo é capaz de compreender melhor sua realidade e seu papel como sujeito nela inserido. Os textos, especialmente os literários, são capazes de recriar as informações sobre a humanidade, vinculando o leitor aos indivíduos de outros tempos. Nas palavras de Larrosa (2000), ler consiste em ver as coisas diferentes, coisas dantes nunca vistas, entregar-se ao texto abandonar-se nele e não apenas apropriar-se dele para nossos fins. As pessoas crescem lendo e são permanentemente leitoras em formação, recebendo a cada etapa de sua vida uma nova carga significativa para os conhecimentos já acumulados por suas leituras anteriores.

Um texto não é um objeto fixo num momento histórico; ele lança seus sentidos e tem sua continuidade nas composições de leitura que suscita. Não cabe ensinar literatura perguntando apenas “O que o texto pode querer dizer?”, mas sim, e especialmente, “Como o texto funciona em relação ao que quer dizer?”. O leitor ou interlocutor interage com o texto, constrói sentidos, expõe suas relações com a língua, exterioriza seus conhecimentos prévios, preconceitos, pontos de vista. Ao final de cada leitura, o texto já é um novo texto.

Aguiar e Bordini (1988) reforçam que vivemos numa sociedade desigual e isso se reflete na leitura. O pluralismo cultural é uma alternativa para a adequação aos vários níveis de leitores das diferentes classes sociais. Apesar disso, qualquer indivíduo, pertencente a qualquer classe social pode ser motivado para a leitura, desde que se identifique com essa ação. Através do livro, o homem pode ser capaz de dar significado a si mesmo e ao mundo que o cerca. Para Lajolo (1982), quanto mais o leitor for maduro e quanto mais qualidade estética tiver

um texto, mais complexo será o ato de leitura. Sendo assim, o texto literário se revela um meio eficiente de contato com a pluralidade de significações da língua, favorecendo o encontro com esses significados de forma abrangente, ampla, diferentemente dos materiais informativos que prendem-se aos fatos particulares.

O texto literário não mostra apenas os fatos, mas a complexidade de pensamentos que circundam e permeiam esses fatos, diferenciando o homem de cada época e de cada lugar, envolvido em seus processos histórico-sociais. Portanto, a linguagem literária é capaz de deixar lacunas que são preenchidas quando o leitor interage com o texto, unindo à leitura suas experiências anteriores, “atualizando” o ato de leitura, aproveitando-se da plurissignificação do texto literário para executar leituras variadas. O discurso não é individual, não tem um fim em si mesmo; portanto ele “percorre”, ele nunca está pronto, depende dos falantes. Isso significa que a leitura promove maneiras diversas de ver e entender o mundo; o texto é uma potencialidade significativa, mas necessita do leitor para ser potencializado. Portanto, o sentido só vem à tona se o leitor for influenciado pelo texto e se sentir despertado; os aspectos textuais evocam um leitor real para que o horizonte de sentido desenvolvido possa agir sobre o sujeito-leitor.

A obra literária abre as portas para um leitor que tem o direito de construir sua visão de mundo, com todo o arsenal de significações que se possa embutir através dessa leitura e, a partir disso, pode haver uma revisão de conceitos e do papel que esse leitor exerce em sua realidade. Larrosa (2000) diz que a obra não pertence ao leitor, mas o contrário; devemos prestar atenção para derivar o verdadeiro sentido da obra. Para Iser (1999), nos textos ficcionais, os sentidos vão além do denotativo, os signos trazem à luz e desvendam muito mais do que a simples designação de algo dado. A linguagem do texto

literário revela mais do que diz, e essa revelação é o seu verdadeiro sentido. Dessa forma, o texto literário **diz**, mas esse fato está intrinsicamente relacionado ao ato de representação do leitor. Pois a criação de sentidos, para Iser, é um ato criativo; espera-se que o leitor imagine, ou melhor, faça sua representação a respeito do texto, a partir de uma sequência de aspectos que o próprio texto oferece.

Segundo Lajolo (2001), outro aspecto a ser destacado na leitura é a percepção dos elementos de linguagem que o texto manipula. Dessa maneira, a leitura literária permite ao indivíduo descobrir-se em seu papel de interação com o texto. Para isso, a escola deve promover o “encontro” entre leitor e texto, permitindo que esse leitor se reconheça na obra, sinta que sua cultura pode estar vinculada com o texto lido. Sendo assim, para iniciar a formação do leitor, é assaz importante oportunizar a leitura de textos literários próximos à sua realidade, pois quanto mais familiaridade o texto despertar no leitor, mais haverá predisposição para a leitura, suas expectativas estarão sendo priorizadas em relação ao ensino da literatura.

Segundo Rocco (1992), o ensino da literatura deve ser conduzido de tal forma que se perceba do que nossos alunos são capazes em termos sociais, afetivos e mentais e a partir disso possamos definir as escolhas e o nível de aprendizagem que queremos. Para Larrosa (2000), lemos para descobrir o que o texto “pensa”; então, quando lemos, estamos sendo habilitados a “pensar”. Esses critérios ajudarão a trabalhar com a literatura com objetivo de valorizar o que o texto traz de novo, bom, interessante e não privilegiar apenas biografias de autores, características de escolas literárias, totalmente isolados de uma consciência histórico-social, em detrimento do texto em si.

É importante que o professor estabeleça

um elo entre o aluno e o texto literário, e a partir daí, que os novos leitores encontrem-se consigo e com os outros seres. Segundo Silva (1985, p. 58, grifo do autor) “um dos objetivos básicos da escola é o de formar o *leitor crítico da cultura* “ cultura esta encarnada em qualquer tipo de linguagem, verbal e/ou não verbal.” O que se tem visto é que o professor, muitas vezes, atrapalha essa interação, ditando as regras que considera as mais convenientes, utilizando as estratégias mais maçantes, com estudos intermináveis de características de escolas literárias e de biografias de autores que não tem tido outro objetivo além da informação em si mesma. Não se pode negar a importância dos estudos promovidos pela história literária, afinal, como reforça Leite (1988), as funções da literatura só ganham sentido se forem discutidas em relação a circunstâncias históricas; porém, estes estudos devem ser efetuados de tal maneira que concorram com a análise e apreciação dos textos literários, verificando a recepção do texto, as condições de produção e demais fatores intimamente ligados a uma leitura mais aprofundada. Não se deve tratar o texto como um objeto sagrado, mas sim, como um espaço simbólico de linguagem, no qual se entrecruzam vários discursos e saberes. O estudo da história da literatura deve ser focado paralelamente ao das obras escolhidas, a obra deve ser localizada no tempo para que dê uma consciência do seu lugar histórico e do que esse fato representa para sua análise e entendimento; o que não deve haver são exageros, um ensino estático do passado, esvaziado da matéria literária.

A questão do cânone literário tradicionalmente estabelecido também é fator digno de ser abordado nessa reflexão sobre o ensino da literatura. Ensinar literatura é uma tarefa que permite verificar como o cânone foi organizado no decorrer das diferentes épocas, como foi estabelecido o que seria ou não literário. A mediação

da escola nesse processo é primordial, pois no ambiente escolar são selecionados os autores e obras que devem figurar entre os monumentos nacionais e internacionais da literatura; assim sendo, todos que forem preteridos pelo critério de seleção da escola e dos próprios professores, serão considerados de “menor” valor em relação ao cânone tradicionalmente estabelecido. O bom senso do professor, os objetivos claros do trabalho que desenvolve em sala de aula nortearão a escolha adequada das obras a serem lidas e para isso, não é mister que se abordem apenas os livros que os “manuais” e que a crítica literária apontem como os melhores. O professor deve ter uma “autonomia responsável” para fazer a seleção criteriosa dos livros que servirão para um trabalho produtivo com literatura.

A partir do momento em que o professor começa a oferecer aos alunos a oportunidade de fazer leituras de textos e obras realmente significativos do ponto de vista de suas aspirações e conhecimentos prévios, pode-se então planejar alçar vôos mais altos, ou seja, o professor, paulatinamente, introduzirá uma literatura que seja mais aprofundada e abrangente, que desperte prazer, sem prescindir de um objetivo prático imediato. Mediante isso, e também de forma paralela, é importante incentivar o aluno para ir além das leituras, experimentando também o ato de elaboração de seus próprios textos. O aluno deve ser incentivado a explorar sua criatividade, sendo capaz de gerir uma escrita que o represente diante de si mesmo e do mundo.

Segundo Yunes (1995), leitura pressupõe fruição; ler é um ato que permanece vivo mesmo após o final da leitura, ficando internalizado no interior de quem lê. O ato de ler é inesgotável, continua a transmitir as sensações após o seu “suposto” término.

A leitura de textos literários tem finalidade de emocionar, divertir, garantir a aquisição de

um mundo imaginário gratuito, como se fosse um jogo lúdico, e, como todo jogo, a leitura também precisa de regras para que seu andamento seja satisfatório. Mas para que isso aconteça, é imprescindível que o professor prepare seu trabalho para as aulas de literatura respeitando um princípio básico: o professor deve ser “leitor”, ele deve ter lido previamente as obras que solicitar para seus alunos. Se o professor não lê, não é um leitor experiente, se não conhece algumas teorias literárias que norteiem seu trabalho, não terá subsídios para abordar literatura em suas aulas. Teorias literárias são instrumentos que devem ser bem manuseados pelos educadores com a finalidade de apreenderem melhor a literatura e poderem repassar e construir conceitos e valores junto aos seus alunos de forma produtiva.

A RECEPÇÃO LITERÁRIA COMO SUPORTE PARA O ENSINO DA LITERATURA

Estudos sobre o processo de recepção literária têm discutido o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo, além de reconstruir o caminho histórico que traz o texto a diferentes leitores de épocas diversas. A teoria da recepção despertou um novo interesse para as pesquisas em história da recepção e sociologia da leitura, disciplinas que promoveram uma mudança de paradigmas no estudo da literatura.

Para a estética da recepção, há algumas obras que não exigem do receptor qualquer mudança em seu horizonte de expectativas e outras que rompem com o horizonte conhecido, formando um conhecimento novo para o leitor. Dessa maneira, o leitor é levado a reconhecer-se e reconhecer as coisas do mundo, com criatividade, sem que a obra deixe de se atualizar a cada leitura.

Segundo a Estética da Recepção, o sentido da leitura literária se dá na fusão entre os dois momentos básicos do processo: o momento do efeito, que é condicionado pelo texto, e o momento da recepção propriamente dita, que parte do leitor. Enquanto se entrecruzam as experiências trazidas pela obra e pelo leitor, é iniciado o processo de significação. A compreensão decorre da percepção estética, e é o início do processo de leitura. Posteriormente à leitura compreensiva, temos a leitura retrospectiva, na qual se dá a interpretação, e que assim se chama, porque se pode, no processo, voltar do fim para o começo ou do todo ao particular. Só depois o leitor estará preparado para a leitura histórica, ou seja, para o momento de recuperar a recepção da qual a obra foi alvo no decorrer do tempo e assim, o próprio leitor verifica sua atuação nesse ciclo temporal. É um momento em que, através da interação e questionamento do texto, o leitor também é levado a interrogar-se.

Sendo assim, toda e qualquer obra literária só se legitima diante da ação do leitor, deixando em segundo plano tanto o trabalho artístico do autor, como também, o próprio texto literário criado. É a submissão da tirania formalista ante a soberania do leitor, numa clara transformação dos paradigmas literários, pois sob o viés da Estética da Recepção, o que mais interessa é o confronto entre a obra construída pelo autor e as reconstruções elaboradas pelo leitor. O texto deixa de ser um objeto estanque e a leitura passa a ser um processo de reconstrução constante da obra literária, pela intervenção do leitor. Os leitores apresentam suas expectativas em relação a uma obra, já maculadas por outras leituras realizadas anteriormente, especialmente aquelas que pertencem ao mesmo gênero literário.

O Método Recepcional valoriza a fruição como meio de trazer o gosto pela leitura, sem se afastar da dimensão histórica da obra, mas podendo ser inferida pelas condições de recepção

que variam com o passar do tempo. Uma obra só resiste ao tempo em função da atuação do público e não em função dela mesma; a estética da recepção concebe, assim, a obra literária como um objeto histórico.

Torna-se, assim, muito importante considerar as condições históricas que influenciam a atitude do leitor do texto em relação ao contexto social. A Teoria da Recepção privilegia, então, a reconstrução histórica que ambienta a recepção do leitor.

Por outro lado, a recepção também procura aprofundar a relação entre texto e leitor, verificando a resposta que esse leitor elabora, a partir dos pontos indeterminados que são acionados no ato da leitura. O leitor é exigido durante o ato de leitura para preencher os “espaços vazios” do texto, projetando a si mesmo e às suas expectativas, mas não independentemente do próprio texto. Tal ação só é possível graças à sua capacidade de imaginação, combinada aos demais fatores textuais. Os vazios fazem parte da estrutura do texto, assim como as suas negações, e servem para orientar ou comandar a ação projetiva do leitor. Segundo Jauss (1994), o valor estético do texto está na sua possibilidade de estabelecer relações nos vazios, naquilo que não é captável, e quanto mais houver um distanciamento entre o já conhecido e a mudança do horizonte de expectativa exigida pela obra lida, maior será o caráter artístico de uma obra literária.

Cabe ressaltar que a Teoria da Recepção não anula a importância da criação literária, ou seja, o papel do autor. As escolhas, estratégias de construção textual e o uso que o autor faz da linguagem revelam-se no próprio texto, bem como os aspectos culturais, políticos, ideológicos, e discursos, recursos essenciais para a estruturação do texto e para estimular o leitor à interpretação.

A partir de uma concepção de ensino da literatura em que a recepção do texto literário é posta como fator preponderante, atribui-se aos alunos um movimento dinâmico, pois eles não apenas consomem as informações que o professor transmite, mas eles próprios produzem textos, escrevem e leem, trabalhando com as experiências que vão adquirindo no decorrer do processo das leituras.

O Método Recepcional pressupõe o conhecimento e aproveitamento do repertório do leitor, respeitando suas expectativas e trabalhando no sentido de alargá-las. Com essa concepção, não se fará a imposição do conceito que a crítica estabelece sobre as obras, embora se reconheça sua validade e pertinência; dar-se-á oportunidade para que o aluno possa estabelecer outros discursos possíveis a partir da leitura de obras literárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto literário é compreendido como um meio de estabelecer uma espécie de contrato de concordância entre leitor e autor. Dessa forma, a linguagem literária é extremamente importante para uma formação linguística, além de demonstrar que a forma de escrita dos autores é o ponto alto de suas produções, e que a temática dos textos, na verdade serve a essa linguagem artisticamente trabalhada. Em seus estudos sobre literatura.

Perceber que através da linguagem literária pode-se delimitar um elo entre as gerações, relacionando a fala viva do passado com sua atualização no presente, consiste numa das grandes essências do trabalho com a literatura e que é capaz de despertar o leitor adormecido dentro de cada um dos estudantes, impulsionando-os para a condição de sujeitos críticos. Além

disso, o ensino da literatura pode tornar os estudantes um pouco mais competentes para a análise e interpretação de textos literários, avaliando os recursos de expressão, observando a estrutura, apreendendo como a forma e o conteúdo se moldam um ao outro, verificando as marcas pessoais da linguagem de cada autor estudado, e percebendo a influência do contexto histórico-social na produção e na recepção.

A concepção de texto literário deve ultrapassar a noção de obra como unidade autossuficiente, como sistema fechado e de existência independente do leitor. Através do trabalho com o texto literário pelo prisma da recepção, as obras são analisadas como estímulo que só é realizado em sua plenitude durante o ato de leitura. Portanto, fica nítida a presença marcante do leitor, que vai muito além do ato de decifrar o código verbal e compreender as informações; o leitor não tem uma atitude meramente descritiva, sua atitude é de participação efetiva na construção dos sentidos.

Em última instância, o texto literário deve ser colocado em evidência nas aulas de literatura, promovendo um espaço no qual sejam realizadas diferentes leituras e construções de sentido, motivando o desenvolvimento das atividades leitoras dos alunos. As estratégias utilizadas devem fugir ao engessamento das práticas tradicionais de ensino da literatura, valorizando o papel do professor no processo ensino-aprendizagem, selecionando obras que sejam condizentes com a faixa etária dos alunos, abordando temas atuais e que se adequam aos interesses de todos os envolvidos durante o desenvolvimento das aulas. Sobretudo, o ensino da literatura deve primar pela tentativa de compreender melhor e respeitar a literatura em sua historicidade, não desprestigiando as tradições culturais linguísticas, mas priorizando suas particularidades, e o diálogo constante da literatura com outras artes e linguagens, sem perder de vista

o objeto central “o texto literário” e a sua realização em contato com a recepção do leitor.



Alessandra Paschoal Lettieri

Graduada em Letras pela Universidade Cruzeiro do Sul (2004); Graduada em Pedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul (2016); Professora de Inglês da rede pública de ensino da cidade de São Paulo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. *Notas de literatura I.* 34. ed. Tradução: Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

CEREJA, William Roberto. *Ensino da literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura.* São Paulo: Atual, 2005.

ECO, Umberto. *Sobre a literatura.* Tradução: Eliane Junke. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ISER, Wolfgang. A interação do Texto com o Leitor. In: COSTA LIMA, C. (Org.). *A Literatura e o Leitor: textos de Estética da Recepção.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária.* Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo.* São Paulo: Ática, 2001.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas.* Tradução: Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Invasão da catedral: literatura e ensino em debate.* 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ROCCO, Maria Tereza Fraga. *Literatura e ensino: uma problemática.* São Paulo: Ática, 1992.

